

algumas dificuldades e desta forma, talvez, consigam mais facilmente atingir os objectivos que o ciclo de ensino propõe para a Matemática.

Paulo Figueiredo,
Escola S/3 S. Pedro- Vila Real

1. As constantes alterações na composição do quadro docente de uma Escola prejudicam em primeiro lugar os alunos, na medida em que inviabilizam um acompanhamento pedagógico que seria desejável para o seu progresso educativo. Os efeitos negativos que essas movimentações têm muitas vezes na vida familiar e na estabilidade emocional dos professores constituem por si só uma razão suficiente para modificar a situação existente. Por último, o não enraizamento do professor na Escola e muitas vezes no meio na qual esta está inserida, não possibilita uma contribuição eficaz daquele na elaboração e concretização do Projecto Educativo da Escola.

2. A solução passa pela abertura de lugares nos quadros das escolas, tendo em conta as suas necessidades. Discordo das medidas anunciadas, dado que 3 ou 4 anos é demasiado tempo para professores que ficam colocados numa Escola afastada do seu meio familiar.

3. A obrigatoriedade de permanência mais horas nas Escolas é uma medida perfeitamente demagógica e populista. Não é obrigando os professores a estarem mais tempo nas Escolas sem condições mínimas de trabalho (desde a inexistência de espaços físicos como salas ou gabinetes) que se efectiva uma melhoria da qualidade de ensino e da educação. Bem pelo contrário, a situação imposta pelo Ministério da Educação está a contribuir para um maior desgaste psicológico e uma desmotivação que se torna visível em professores que se têm dedicado de forma empenhada à sua profissão, ao longo de vários anos.

4. Embora não tenha um conhecimento suficientemente forte da realidade do 1º Ciclo do Ensino Básico parece-me positivo um tal acompanhamento desde que seja efectuado por docentes do Ensino Superior que de algum modo conheçam o "terreno". Penso que deveria incidir mais sobre aspectos pedagógicos, mas com a flexibilidade necessária para que em casos de detecção de insuficiências de ordem científica se privilegie numa primeira fase o colmatar das mesmas.

Entrevista com Ian Stewart (cont.)

A entrevista a Ian Stewart por Jorge Buescu publicada no último número da Gazeta (Vol. 149, pp. 34-38), originalmente publicada no Boletim do CIM, teve na altura uma reacção que conduziu a uma nova pergunta muito interessante acerca da Hipótese de Riemann. Posteriormente, uma nova pergunta a esse respeito foi feita a Ian Stewart, que respondeu do seguinte modo:

JB - Porque é que acha que a Hipótese de Riemann pode ser resolvida nos próximos 20 anos?

INS - Por nenhuma razão em particular; é mais uma sensação impressionista. Os grandes problemas da Matemática estão a ser resolvidos a um ritmo cada vez mais acelerado, e eu não acredito que problemas naturais como a Hipótese de Riemann acabem por revelar-se indecíveis. Este problema tem ligações a muitas áreas diferentes da Matemática, cada uma das quais fornece uma direcção potencial para atacar o problema, e muitas das quais têm assistido a progressos rápidos, especialmente a Teoria dos Números e as suas ligações à Análise e a Física Matemática. Por outro lado, temos também observado o facto de problemas considerados intratáveis serem resolvidos de súbito, à custa de observações penetrantes mas que podiam ter sido formuladas há muito. Entre as minhas preferidas estão a demonstração de Apéry da irracionalidade de zeta(3), a descoberta do polinómio de Jones e a Conjectura de Bieberbach (cuja demonstração acabou por seguir um caminho tentado-e-testado que os especialistas tinham decidido há muito nunca poder resolver o problema). Portanto, sou céptico quando os especialistas me dizem que não há forma de atacar um dado problema. Eu não seria capaz de apostar dinheiro *contra* a Hipótese de Riemann estar em aberto em 2100, mas numa visão de conjunto fico com a sensação de que ela não vai aguentar muito mais tempo. *Posso*, no entanto, prever desde já que quando for anunciada uma demonstração que acabe, mais tarde, por se revelar correcta, ninguém vai acreditar nela, e ninguém terá grande empenho em a declarar correcta (tal e qual como sucede com o trabalho de Perelman sobre a Conjectura de Poincaré e a Conjectura de Geometrização de Thurston, com a única reserva de não termos ainda a certeza de esta demonstração estar correcta).